

IV

LITERATURA PERIFÉRICA EM CONTEXTOS DE MÍDIAS DIGITAIS

João Paulo Santos de Souza²⁴ e Abinalio Ubiratan da Cruz Subrinho²⁵

RESUMO: O Presente ensaio *Literatura Periférica em Contextos de Mídias Digitais*, objetiva promover algumas reflexões acerca da Literatura de Periferia, numa perspectiva que discuta a representatividade de sujeitos e grupos que foram secundarizados pelo discurso literário clássico, bem como de evidenciar a maior notoriedade dada a essas textualidades a partir da dialética que se estabelece com a produção e propagação de obras dessa natureza nas redes sociais da internet. O processo sócio-histórico de canonização de alguns textos e tipos literários corroborou para construção de um olhar estereotipado sobre os demais artefatos que não estavam circunscritos no crivo do cânone. A busca pela representatividade de culturas e grupos que foram secundarizados, perpassa pelo questionamento do estabelecimento do que fora estabelecido pelo clássico, e pela autoafirmação que se estabelece na dialética entre o encontro entre as narrativas marginais e os periféricos. A investigação de abordagem qualitativa, adota por métodos alguns aspectos das pesquisas bibliográficas, com a revisão de literatura pertinente ao estudo, assim como instrumentos oriundos da recente *netnografia*, a saber: as observações em ambiente virtual digital. Para nortear as discussões recorreremos aos Estudos Literários, Estudos Culturais, Escritores da Literatura de Periferia e dos Estudos de Mídias: Bourdieu (1996), Hall (2005), Landowski (2002), Schwarz (1983), Calvino (1993) dentre outros. Perceber as mídias digitais enquanto instrumento de publicitação dessas obras, e obter a compreensão de que os tempos mudaram, e que podem os marginais falar.

Palavras-chave: Literaturas de Margens; Literatura Periférica; Mídias digitais.

ABSTRACT: The present essay, entitled *Margins to the Center: Peripheral Literature in Contexts of Digital Media*, aims to promote some reflections about Periphery Literature, in a perspective that discusses the representativeness of subjects and groups that were seconded by classical literary discourse, as well as to highlight the greater recognition given to these textualities from the dialectic that is established with the production and propagation of works of this nature in the social networks of the Internet. The socio-historical process of canonization of some texts and literary types, corroborated for the construction of a stereotyped look at the other artifacts that were not circumscribed in the sieve of the canon. The search for the representativeness of cultures and groups that have been seconded, runs through the questioning of the establishment of what was established by the classic, and the self-affirmation established in the dialectic between the encounter between marginal and peripheral narratives. The research of qualitative approach, adopts by methods some aspects of the bibliographical researches, with the revision of literature pertinent to the study, as well as instruments coming from the recent *netnography*, namely the observations in digital virtual environment. In order to guide the discussions, theoretical Theory of Literary Studies, Cultural Studies, Literature Writers and scholars from the fields of the Periphery and Media Studies are used: Pierre Bourdieu (1996), Stuart Hall (2005), Eric Landowski (2002), Roberto Schwarz (1983), Italo Calvino (1993) and others. Perceive digital media as an instrument of publicizing these works, and gain an understanding that times have changed, and that marginal people can speak.

Keywords: Margin Literatures; Peripheral Literature; Digital media.

²⁴ Mestre em Educação e Diversidade – MPED. Universidade do Estado da Bahia. jonnyplayer@gmail.com

²⁵ Mestre em Educação e Diversidade – MPED. Universidade do Estado da Bahia. ubiratansobrinho80@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

É perceptível para todo contemplador, produtor e consumidor da arte que ela, voluntariamente ou não, representa de modo velado ou escancarada o contexto histórico, as vivências sociais, os costumes e práticas culturais, bem como as intencionalidades e efeitos estéticos reconhecidos num dado período. Com a literatura não é diferente, as representações estão postas, muitas das vezes reproduzindo discursos, intencionalmente ou por processo de atribuição de sentidos por parte de quem a recebe. Assim, a literatura e as obras de arte têm servido, dentre outras coisas, para irromper os lacres colocados sobre algumas vozes, mesmo quando esses cadeados são interpostos pelo próprio campo literário.

Em alguns momentos, o campo literário silenciou as vozes dos marginalizados, bem verdade que eles sempre estiveram ali, coadjuvantes, compondo uma determinada diegese, em outros momentos lutou por esses e plasmou as mais ferrenhas críticas aos indivíduos e regimes que os excluía, mas... e quando esses personagens até então não nominados, meninos mais velhos e meninos mais novos, estivadores, Marias começaram a falar por si e pelas personagens? E, como indaga Spivak (2010), *Pode o subalterno falar?* A resposta para esse questionamento são as históricas e contemporâneas literaturas de margens, em evidência a literatura periférica/de periferia que entrecruzam a realidade dos morros e vielas e lapidar da literatura. A literatura periférica, mesmo que alguns achem que sem pretensão, repara o silenciamento gritante da análise da realidade artística das periferias brasileiras. Despontando enquanto um importante elemento de representatividade, para os que leem e escrevem, assim como artifício (re)construtor de identidades e resistências.

A literatura periférica resiste! Se em 1970, com a geração mimeógrafo, em que a marginalia se valia desse aparato técnico para produção e cópias dos seus escritos. A literatura marginada periférica contemporânea encontrou na internet, mais especificamente nas redes sociais, um meio para ecoar e escoar as suas vozes. O hip hop, os saraus, os raps o Slan, todos disponibilizados na internet, as vezes transmitidos em tempo real. Os contos, a crônicas e as poesias, disponíveis nas plataformas digitais para quem quiser acessá-los. É necessário perceber quais efeitos esses novos instrumentos exercem sobre a produção, e sobretudo, sobre a recepção dos que se sentem representados nas textualidades.

Antes de prosseguirmos com a incursão, explicitamos ao nosso leitor que com esse estudo não buscamos cristalizar entendimentos inquestionáveis, assim como alertamos que muitas das discussões como, por exemplo, as referentes a periferia, margens, identidade, representação e pertencimento [que são categorias amplas e que constantemente se ressignificam, se contradizem e são tomadas por objeto de disputas epistemológicas e ideológicas] são abordadas de modo superficial, haja vista que o espaço de discussão viabilizado pelo artigo não nos permite dar conta de toda complexidade, ou em maior parte, que esses termos e projetos mobilizam e representam.

2 LITERATURA DE MARGENS: A PERIFERIA NO CENTRO DAS NARRATIVAS LITERÁRIAS

Quando Calvino (1993) concebe uma das suas obras primas –*Por que Ler os Clássicos*–, texto que recorrentemente é utilizado por pesquisadores para defender o caráter de uma obra fulgurar enquanto artefato Clássico ou não da literatura, o literato deixa pistas acerca dos efeitos estéticos, responsivos e subjetivos que tais obras devem despertar em seus leitores, nesses termos para o autor “os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos” (CALVINO, 1993, p. 16), ou mais amplamente como elucida Compagnon (2012) os Clássicos servem para compreender o projeto de conhecimento do homem e do mundo. Inegavelmente as colocações de Calvino (1993) agregam ao campo dos estudos literários ao passo que compreendemos que essas narrativas dadas por clássicas, para além das suas dimensões estética e do despertar para o sentimental estão inseridas num dado período histórico contextual, cujas possibilidades interpretativas se repetem em função da atemporalidade, estando também o texto imbuído de intencionalidades por parte do seu autor. Assim o próprio Calvino dispara outra propositiva: a concepção e leitura das obras estabelecidas enquanto clássicas, estão pautadas na ordem do cultural, em que as nações por intermédio das suas instituições selecionam, priorizam e legitimam, determinadas obras e autores.

Destarte, embora em determinados momentos fique evidenciado, sobretudo em estudos mais recentes e interdiscursivamente no próprio Calvino, que ao leitor é conferido o encargo de estabelecer o que é clássico ou não, como se pode observar em alguns fragmentos de *Por que Ler os Clássicos*: “Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual”. (CALVINO, 1993, p. 11), sabe-se que essa discussão é mais ampla e minuciosa, ao passo que está estreitamente interligada a questões históricas, culturais, sociais, de gênero, também econômicas. Assim, mediante a esses emblemas, na atualidade é constatado movimento de pesquisadores oriundos das áreas da Crítica Literária e dos Estudos Culturais que suscitam alguns questionamentos sobre essa relação entre o que é e o que não é uma obra clássica, tais como; quais lugares são estabelecidos para os autores e leitores de uma leitura conceituada *não-clássica*, em quais espaços estão circunscritas ou cabem tais obras.

O processo de legitimar determinadas obras, colocando-as num lugar de prestígio em detrimento de outras culminou na formação do cânone literário. A elaboração de canonização de uma narrativa ou do seu autor, nunca acolhera tantos questionamentos, muito em função de estudos apontarem para o forte caráter sociopolítico nos trâmites de construção do canônico. Refletindo sobre essa questão Perrone-Moisés (1998), atravessada por discursos de teóricos que divergem sobre o assunto, a autora elucida que esses textos [marcadamente] apresentam um discurso ideológico de poder, o que pode ser observado na própria representatividade das personagens dispostas nas narrativas. Mediante ao exposto, deduz-se que em havendo obras que estão no escopo, no centro do

reconhecimento do literário, a outras, conseqüentemente, são interpostos os lugares, os espaços margens, ambientes esses que acabam convertendo-se em estigmas para os que lá estão.

A definição de Literatura Marginal perpassa por diversas circunstâncias e contextos, a princípio o “selo” de margem pode-se evidenciar nos gêneros e produções literárias e em algumas ramificações da literatura. Um claro exemplo são os gêneros literários oriundos do meio popular, como as poéticas orais e os cordéis, que durante anos foram tomados por uma produção artística inferior e que persistem na conquista de espaços para desconstrução desses estereótipos. No Brasil, as concepções de Literatura Marginal ganham notoriedade na década de 1970, quando num contexto contracultural, o termo é utilizado para caracterizar autores e obras que se opõem ao sistema político brasileiro, e que sobre forte influência da abertura democrática e do liberalismo em ascensão no mundo, enfatizam a discussão de temáticas que até então não permeavam o escrutínio literário.

Na época, o grupo de escritores buscavam dentre outras coisas denunciar, recorrendo ao alegórico ou as publicações jornalísticas, a forte repressão que o Estado exercia sobre os sujeitos no período do regime militar. Estando entre os principais nomes desse período os do poeta Paulo Leminsk, Isabel Câmara e Ricardo de Carvalho Duarte (Chacal). Esse movimento ficou conhecido também por *geração mimeógrafo*, nomenclatura designada em função dos meios de produção e circulação para os poemas, esses que eram concebidos de forma artesanal, mimeografados e xerocopiados, distribuídos e dispostos nas ruas, driblando assim o crivo formal editorial do período, conforme traduz Glauco Mattoso, “[...] Marginal é simplesmente o adjetivo para qualificar o trabalho de determinados artistas, também chamados de independentes ou alternativos”. (MATTOSO, 1982, p. 8). A esse respeito Holanda (1981), sumidade nos estudos de Literatura e Cultura de Margens, sublinha que a questão da relação com as margens nesse contexto está ligada aos meios de produção, elemento exterior ao texto e não ao conteúdo literário ou contexto social dos escritores, nesses termos a estudiosa aduz:

A classificação marginal é adotada por análises e assim mesmo com certo teor e hesitação. Fala-se mais freqüentemente 'ditos marginais', 'chamados marginais' evitando-se uma postura afirmativa do termo. Geralmente ele vem justificado pela condição alternativa, à margem da produção e veiculação do mercado, mas não se afirma a partir dos textos propriamente ditos, isto é, de seus aspectos propriamente literários (HOLLANDA, 1981 p. 98-99).

Com a semântica ressignificada, em de 2000 as concepções de Literatura Marginal se notabilizam pela sua recontextualização. Essa visibilidade se dá, dentre outras coisas, pela publicação da obra *Cidade de Deus* (1998), de Paulo Lins e a sua roteirização para os cinemas em 2002. Concomitante a essas publicações a revista *Caros Amigos*, em três atos, Ato I (2001), Ato II(2002) e Ato III(2004) desenvolve uma série sobre a Literatura Marginal. O Editorial era assinado pelo escritor Ferréz, contava com obras literárias marginais, entrevistas, relatos, dentre outros gêneros e artes oriundos do contexto da *neofavela*. A literatura marginal 90/00, assim como a da década de 1970 têm em comum o cunho social, de manifestação e protesto, contudo distanciam-se pelo meios e modos de produção, bem

como pela origem do lugar de fala. Com a emergência dessa nova literatura marginal, o cotidiano das favelas e periferias brasileiras convertem-se em arte e adentram ao espaço literário. Para o escritor periférico Ferréz, “A Literatura Marginal [...] é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo” (FERRÉZ, 2005, p. 12).

A compreensão de que os significados de marginalidade e de literatura marginal, que igualmente constituem-se como amplos, conduzem alguns grupos criarem um movimento de autoafirmação a partir da dimensão de margem, trata-se da literatura periférica. A Literatura Periférica ou de Periferia mantém as características da literatura marginal do início do milênio, contudo as temáticas são revisitadas, há uma maior construção de obras no sentido de propagar a resistência contra os discursos hegemônicos presente na sociedade, tão rotineiro nos meios de comunicação de massa, também plasmados em algumas manifestações da arte.

Holanda (2013) explicita que as obras pertencentes a este “novo” bojo irão abordar temáticas que remontam as lutas históricas, de classes, contra o racismo, homofobia, machismo, contudo numa perspectiva contemporânea, assim como exploram a relação dos pobres com o consumo, tanto dos bens físicos; produtos, marcas e serviços, quanto o de capital cultural. Assim como exploram o adentrar dos sujeitos em espaços até então nunca participados, também os novos projetos que constituem as favelas e periferias na atualidade, a saber: uma maior presença do Estado e a ascensão social e econômica dos moradores. Os escritores desse eixo literário, dentre eles Sérgio Vaz (2011), Ademiro Alves de Souza (Sacolinha) (2006), Ferréz (2005) salientam ainda a cristalização de temas como as violências, sobretudo a física e a simbólica, repressão, ausência de representatividade, e dos elementos das linguagens artísticas e alegorias que compõem a contracultura da periferia.

O pesquisador Eric Landowski (2012) *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*, tratar da relação fronteiriça e da alteridade entre a condição central de dominação e de dominados, salienta que a presença dos dominados incomoda os dominantes, esses últimos buscam artificies para neutralizar, silenciar, de modo velado, esses outros grupos, que não o seu. Logo, a literatura de periferia insurge como um elemento de resistência, que para além de propagar as vivências dos *excluídos*, busca construir elementos simbólicos para criar sentidos nas lacunas de representatividades existentes na literatura e na arte estabelecida enquanto canônica. Desse modo, tem-se nesse fazer literário um importante vetor para o reconhecimento, formação, desconstrução e (re)construção de identidades, sobretudo, dois sujeitos que estão inseridos nos contextos dos quais essas obras mimetizam.

3 MÉTODOS: VIELAS E CIBERCAMINHOS

A concepção do presente estudo se deu por intermédio de uma abordagem de natureza qualitativa, pois com o estudo pretendíamos analisar um dado fenômeno a partir

das múltiplas lentes, percebendo as motivações e efeitos interpostos a uma emergente prática de concepção e veiculação do campo literário, sem que, necessariamente, se busque uma quantificação ou a construção de dados estatísticos. Antes, com essa investigação primamos evidenciar o modo pelo qual o campo literário se amplia e se modifica a partir de determinadas concepções teóricas e recursos digitais. Tomou-se por método uma construção mista, recorrendo a instrumentos da pesquisa bibliográfica, bem como dos emergentes dispositivos oriundos da netnografia.

A sistematização do estudo ocorreu de modo multifacetado, subdividido em três momentos, a saber: a) leitura e fichamento de referencial teórico, b) observações nos ambientes virtuais da rede social Facebook e c) análise dos dados obtidos, expondo-os a luz das teorias oriundas dos Estudos Culturais, Ciber culturais (LÉVI, 1999) e Estudos Literários. A princípio foram cartografados os autores e textos que discutiam a questão das literaturas de margens, bem como da autonomia do campo e texto literário. Posteriormente realizadas as observações no *Facebook*, cabe salientar que em detrimento do tempo e limitações, o recorte aqui plasmado é muito limítrofe, contudo apresenta-se em consonância ao objetivo da investigação. Foram observadas manifestações nos grupos, **fanpages** e perfis de usuários da rede supracitada. Posteriormente esses recortes foram analisados.

Para uma melhor percepção sobre a netnografia e seus aspectos metodológicos, é preciso compreender o que seria a etnografia, uma vez que para o pesquisador Kozinets (2014) a netnografia é uma forma especializada de etnografia e utiliza comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão etnográfica de um fenômeno da internet. A pesquisa etnográfica, baseia-se no exercício de ver e escutar, preparando para o campo etapas de imersão ao qual o pesquisador tem que deslocar sua cultura para uma efetiva participação da realidade que está sendo investigada. O método etnográfico é composto por procedimentos qualitativos, levantamento de dados probalísticos e observação direta. Logo, a etnografia seria, portanto, um método que diferencia as formas de construção de conhecimento em Antropologia em relação a outros campos do conhecimento das ciências humanas (ROCHA. A.; ECKERT, C. 2008)

A internet mudou a realidade das pessoas, novas formas de interação, novos modos de acesso a informação, conteúdos instantâneos, novas formas de consumo, ou seja, um mundo paralelo online em tempo e espaços diferentes. A netnografia tem o poder de encurtar a distância entre o tempo e espaço, algo que somente a internet possibilita devido a sua própria configuração. A etnografia possui um caráter investigativo e de observação da realidade do outro, algo que continua presente na netnografia. A netnografia apresenta vantagens particulares como o acesso a informação em maior volume de dados, consome menos tempo de imersão, não é tanto dispendiosa e pouco subjetiva. Em contraponto o netnógrafo perde nas nuances gestuais, no contato físico, nas expressões transpassadas. Amaral apud Kozinets (2007) revela que o pesquisador quando vestido de netnógrafo, se transforma num experimentador do campo, engajado na utilização do objeto pesquisado enquanto o pesquisador.

4 SEJA PERÍFÉRICO, SEJA HERÓI: IDENTIDADES, PERTENCIMENTO E CIBERREPRESENTAÇÕES DA LITERATURA PERIFÉRICA

A vulnerabilidade social e a condição de miséria, bem como todos os infortúnios que derivam delas, já fulguram como temática explorada pelos objetos literários há muito tempo, nesse sentido o Schwarz (1983) na obra *Os Pobres na Literatura Brasileira*, sublinha o mote da pobreza material em muitas obras literárias, sobretudo em Romances circunscritos no cânone. Contudo, para o estudioso, durante muito tempo as questões relacionadas a miserabilidade e situação de margens foram secundarizadas, havendo por vezes uma exacerbação “a situação da literatura diante da pobreza é uma questão estética radical.” (SCHWARZ, 1983, p. 8) circunstâncias que acarretou o adiamento [por parte do campo literário] das discussões referentes as vivências do pobre nos mais diversos espaços e regiões do Brasil. Alguns exemplos dessa pobreza e marginalia de acordo aos estudos Schwarz (1983) podem ser percebidos nos escravos da poesia libertária de Castro Alves, nos moradores dos cortiços de Aluísio Azevedo, nos desvalidos de Lima Barreto, nos retirantes de Graciliano Ramos, nos marginados de Jorge Amado, que excluídos triplamente, pela cor, condição socioeconômica e pelo sincretismo religioso, dentre outros.

Embora explorem as imagens metaforizadas, a *diegese* das periferias [culturais, geográficas ou sociais], estas narrativas foram construídas por sujeitos pertencentes a outros espaços, ambientes que secularmente se cristalizaram enquanto superiores aos demais, elites acadêmicas [intelectuais] ou socioeconômicas, ressalvas é claro, as raríssimas exceções dos escritores que são advindos de contextos de margens, mas que ascenderam a partir da exposição e consumo das suas obras. Na contemporaneidade, as pobreza, as periferias ocupam outros espaços e focos no campo literário e narratológico estabelecendo outras dialéticas para os processos de autoria, veiculação e recepção do texto literário periférico. A ambiência da narrativa é outra, a condição de periférico e da cultura de periferia estão expostas na prosa e no verso concomitantes as outras temáticas, não mais planejadas num fundo inerte. Outra questão a se observar é que muitos dos objetos artísticos, os quais retratam o dia a dia das comunidades, são escritos por escritores e escritoras imersos [e pertencentes] a tais contextos e vivências.

Como todo novo paradigma exige deslocamentos teóricos-epistemológicos-metodológicos, a inserção de obras dessa natureza, desse fazer literário periférico, nos debates acadêmicos e das outras linguagens artísticas não se constitui enquanto uma tarefa fácil, de pacífica e unânime aceitação, alguns estudiosos do campo da arte relutam em perceber tais artefatos enquanto dotado de estética e literariedade. Contudo, também podemos destacar o movimento inverso, correntes, pesquisadores e instituições, mais afeitas aos estudos que conferiram mais autonomia aos leitores, também os que direcionam as leituras e análises dos textos literários a partir dos pressupostos difundidos pelos estudos culturais e teorias afins. Nesse sentido, um exemplo notabilizado são os estudos do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1996) que em *As Regras da Arte: Gênese do campo literário*, tece uma análise sociológica da composição e dialética entre os diversos campos artísticos. Ao cartografar o campo literário, a partir da cena francesa do final do século XIX e século XX, debate que os contextos vivências dos autores passaram a ser mais

frequentes nas narrativas, estabelecendo um espaço de disputa que é anterior a própria concepção do objeto literário:

[...] a análise da estrutura interna do campo literário (etc.), universo que obedece às suas próprias leis de funcionamento e transformação, isto é, a estrutura das relações objetivas entre as posições que aí ocupam indivíduos ou grupos colocados em situação de concorrência pela legitimidade; enfim, a análise dos habitus dos ocupantes dessa posições, ou seja, os sistemas de disposições que, sendo o produto de uma trajetória social e de uma posição no interior do campo literário (etc.) [...] (BOURDIEU, 1996, p. 243)

Notadamente, a ascensão deste fazer literário se deu muito em função de três determinantes, a saber: a) a maior exposição do pertencimento e implicações dos escritores a ambiência narrativa, b) as representatividades e a colaboração na afirmação identitária de indivíduos e grupos que se veem nessas obras e c) em função da maior publicação de textos, exibição de sarais e movimentos a partir do uso das redes sociais da internet. No que tange ao fator do pertencimento, é nítido nas obras a intimidade com o objeto, fenômenos, enredos e personagens narradas, circunstâncias percebidas, por exemplo, na apropriação de termos até então utilizados [por vezes] de modo jocoso ou depreciativos em escritos não periféricos, que em obras de autores da periferia são (re)contextualizados e utilizados como elementos discursivos de embate e autoafirmação, como se pode observar na fala de um desses escritores, “Eu fiz como os rappers, que para se defenderem da sociedade, aceitam e usam os termos ‘preto’ e ‘favelado’ como motivos de orgulho. Depois surgiu a revista [Caros Amigos]”. (FERRÉZ apud NASCIMENTO, 2009, p. 43-44).

Conduções subjetivas que proporcionam a identificação e reconhecimento, pois, durante muito tempo, sujeitos e grupos, “indivíduos e coletivos, enxergaram nas páginas do livro, suas vivências, práticas culturais e ancestralidade, por vezes, de modo deturpado, maculado ou ainda, subalternizada, como tema adjacente e de menor relevo dentro das enredálias de uma obra. É evidente, que não queremos aqui generalizar, colocar toda prática de criação literária, principalmente a canônica, na condição de algoz, porém não podemos negar que a representação das margens, das periferias, recorrentemente estava pautada, exclusivamente, pelo burlesco ou pelo sangue. Como esses novos escritos, é possível perceber outras vozes e discurso: a ausência do estado, a violência doméstica, o convívio com a criminalidade, entretanto há espaço também para superação, para o protagonismo periférico, para os motes universais perpassados por amores e dores, dentre outros.

Discutir identidade, se comparado a outras temáticas existencialistas e sociológicas, é algo relativamente recente, uma discussão constante elaboração. O reconhecido teórico dos Estudos Culturais, Hall, notável referência nos estudos de identidade, sublinha que “o próprio conceito com o qual estamos lidando, “identidade”, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova.”(HALL, 2005, p.8). Contudo, valendo-se dos estudos desse mesmo pesquisador, toma-se uma das definições de identidade, o seu caráter híbrido e móvel, que os indivíduos constroem-na a partir das suas experiências e “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo,

nacionais.” (HALLL, 2005, p. 8). Desse modo parece elementar que a literatura de periferia corrobora para promoção desses deslocamentos, para que os sujeitos periféricos, em sua maioria negros e em condição de vulnerabilidade social, comecem um processo de autoaceitação a partir da identificação com essas obras.

A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir à voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros. A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois da aula. É TUDO NOSSO! (VAZ, 2008, p. 246-250).

Assim, nesse sentido a literatura pode ser tomada como um objeto que auxilia no movimento de construção e (des)/(re)construção dessas identidades individuais e coletivas. Pois na ambiência dessas ficções muitos elementos de representatividade estão dispostos, tais como os fatores históricos, signos e símbolos relacionados a determinadas práticas culturais, o rapper, hip-hop, o sincretismo religioso, a cartografia geográfica e social dos lugares, dentre outras percepções cujo seu evidenciar ou silenciar podem servir para um autorreconhecimento ou não com a obra de arte. Sobre essa questão Candido observa que a literatura,

É um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vivem na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. [...] a obra de arte só está acabada no momento em que se repercute e atua, porque sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana. Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do seu processo, isto é, o seu efeito (CÂNDIDO, 1976, p. 25).

Se tratando especificamente das literaturas de condição de margens, da literatura de periferia, a disposição de elementos do cotidiano, das vivências da favela, da contracultura que dali emergem, fazem com que o seu público leitor assuma uma postura mais ativa, de autorreconhecimento, com as tramas narradas.

Sublinha-se que atualmente a Literatura Periférica vem ganhando notoriedade, muito em função da projeção dessa arte nas mídias; a princípio nas mídias de massa TV e revistas, posteriormente nas digitais emergentes. Processo iniciado no ano de 2001 com o número publicado pelo veículo de imprensa impressa *Caros Amigos*, no dossiê intitulado, *Literatura Marginal: a cultura de periferia*, e assinado pelo escritor Ferréz. A grande aderência ao número fez com que, nos anos de 2002 e 2004, outros projetos similares fossem lançados. Paralelo à mídia impressa, as rádios comunitárias, programas das grades de emissoras públicas das TVs abertas também passaram a retratar a cultura de periferia refletida na literatura periférica. Embora houvesse uma abertura para a veiculação dessas produções artísticas, é só com a cultura de convergências (JENKINS, 2003) estabelecida com o advento das redes sociais da internet que as obras, autores e coletivos ganham mais notoriedade e passam a dispor de importante recurso para escrita e para divulgação de textos. Destacam-se aqui as influências que essas redes digitais vêm exercendo sobre o meio das artes, sobretudo, da arte literária.

É sabido que sites e demais páginas na internet já destinavam espaço para veicular o conteúdo literário, a exemplo dos sites de pesquisas, expondo características de determinados autores ou obras, assim como hospedando livros digitalizados em arquivos no formato PDF e E-book. Entretanto, o que há de relativamente novo não é o simples fato da literatura hospedar-se nas redes sociais, visto que ao longo dos anos ela já demonstrou que consegue introduzir-se em distintos suportes, o que existe de novo é o modo [mais dinâmico e “acessível”] pelo qual se pode escrever, ler, recepcionar e veicular a literatura nas redes sociais da Internet.

Para Lemos (2002) uma das primeiras apropriações que rapidamente se seguiu à popularização do acesso aos blogs, foi o seu uso na função de diários pessoais que, paradoxalmente se desvela num diário de construção intimista, entretanto aberto aos leitores. Ao longo dos anos os blogs foram se modificando, de uma rede monomodal, passaram a hospedar arquivos multimodais, apesar das alterações na plataforma mantendo a sua essência da publicação de textos. Acerca da interação dos indivíduos com essa ferramenta Santaella (2011) observa, “Os blogs democratizaram o acesso à informação, à cultura, e à notícia transformando qualquer pessoa em um canal emissor potencial [...]” (2011, p. 77). Por ser de fácil acesso e manuseio, muitos escritores de literatura lançaram mão dos espaços viabilizados pelos blogs para postar e divulgar seus textos. A respeito desse fenômeno, o estudioso em literatura e mídias Karl Erick Schollhammer aduz:

As novas tecnologias oferecem caminhos inéditos para esses esforços, de maneira particular, com os blogs, que facilitam a divulgação dos textos, driblando os mecanismos do mercado tradicional do livro, bem como o escrutínio e o processo seletivo das editoras. (SCHOLLHAMMER, 2011, p.13).

Assim, nesta mesma perspectiva defendida por Schollhammer (2011), a rede social *Facebook* detém aspecto similar ao que fora registrado com função primária dos blogs [comunicação interativa]. A princípio pode-se perceber que a rede possibilitou que escritores ganhassem notabilidade, para além dos periféricos já conhecidos do grande público como Férrez, MV Bill, Sacolinha, Vaz, Burgos – cujo maior reconhecimento advém da mídia televisiva e/ou superfícies impressas –, a partir dos acessos nas plataformas digitais e inferências dos leitores sobre suas obras dispostas nestes biomas, como é o caso do escritor Giovani Martins, que embora não tenha *fanpage*, seus textos são acessados, compartilhados por diversas pessoas. O escritor supracitado lançou recentemente um livro de contos *O Sol na Cabeça*, obra cujos contos já haviam sido veiculados na internet, antes mesmo de serem disponibilizados em suporte impresso. Na rede os autores podem interagir com os seus leitores, leitores esses que praticam o que o Lévy(1996) defende acerca dos textos virtuais, para o autor, esses leitores online ao inferirem, curtindo, comentando ou compartilhando sobre os textos, alongam os seus sentidos. A figura representa um desses momentos de inferenciação na rede do autor.

Figura 01 – Print Geovani Martins



Fonte: Geovani Martins (2019)

Outra questão premente é a produção de conteúdos audiovisuais a partir das manifestações artísticas, encontros e disputas de hip hop, batalhas de rap, assim como a mais nova face da poesia de periferia, os Slans, grupos, coletivos que constroem poemas temáticos e disputam semelhante as outras manifestações já citadas. O consumo dessas artes por meio de multimodalidade, texto escrito, som e imagem, fundidas a transmissões ao vivo, despertam no espectador a sensação de semipresencialidade. As visualizações auxiliam na projeção dos textos e indivíduos envolvidos. Torna-se claro que a Literatura Periférica está presente na rede, logo é necessário estudar quais as consequências dessa ampliação nas possibilidades de acesso, bem como o modo pelo qual os autores, coletivos e objetos literários conseguiram visibilidade a partir do uso das redes sociais da internet.

(IN)CONCLUSÕES

Ao encerrarmos essa etapa da pesquisa, pois no decorrer das buscas percebemos a necessidade de prosseguir com os estudos, entendemos que a literatura de periferia desenvolve uma linguagem própria, o que de certo modo incomoda parte da crítica literária. Mas para além dessa querela entre o que é tido enquanto centro e margem, esse fazer literário desenvolve uma importante função, a de possibilitar a sujeitos, sobretudo, jovens e crianças a condição de se enxergarem num objeto literário, perceberem que suas características físicas, seu espaço de convívio são frutos de um contexto mais amplo e que não devem ser desmerecidos em detrimento de outros. Também perceber esses artefatos enquanto objetos de denúncia social, de desabafo.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. **Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital**. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/4829/3687> Acesso em: 28/06/2018
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da Arte**: Gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CALVINO, Ítalo. **Por que Ler os Clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1976.
- COMPAGNON, Antoine. O Leitor In: **O Demônio da teoria**: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- FERRÉZ (Org.). **Literatura marginal**: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. As fronteiras móveis da literatura. Disponível em: . Acesso em: 10 out. 2013, 20 mar. 2018.
- KOZINETTS, Robert. V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.
- LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**: ensaios de sociossemiótica. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- LE MOS, André. "A arte da vida: diários pessoais e webcams na internet". In: **Cultura da Rede**. Revista Comunicação e Linguagem. Lisboa, 2002.
- MATTOSO, Glauco. **O que é a poesia Marginal?**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- NASCIMENTO, Erica Peçanha. **Vozes Marginais na Literatura**. São Paulo: Aeroplano, 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/VozesMarginais.pdf>. Acesso em 22 de março. de 2018
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas Literaturas**: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia**: saberes e práticas. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301/5371> Acesso em: 28/06/2018.
- SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erick. **Ficção Brasileira Contemporânea**. 2ª Ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2011.
- SCHWARZ, Roberto (org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- VAZ, Sérgio. **Cooperifa**: antropofagia periférica. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.
- VAZ, Sérgio. **Literatura, pão e poesia**. São Paulo: Global, 2011.